



ISPUP

INSTITUTO DE SAÚDE PÚBLICA
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PRESS BOOK

Estudo - Lancet

POWERED BY
CISION

Revista de Imprensa

1. Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade - Estudo, Diário de Notícias Online, 28/09/2018 1
2. Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, SIC Notícias Online, 28/09/2018 3
3. Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, TSF Online, 28/09/2018 5
4. Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, Atlas da Saúde Online, 28/09/2018 7
5. Estudo revela que dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, Sapo Online - Sapo 24 Online, 28/09/2018 9
6. Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, adianta estudo, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 28/09/2018 11
7. Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, diz novo estudo, Saúde Online, 28/09/2018 13

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade - Estudo

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=efbc3d4d>

2018-09-28T09:30:01Z

Os dados europeus sobre bebés nados-mortos representam apenas um terço da realidade, por não serem contabilizados antes das 28 semanas de gestação, segundo um estudo do qual faz parte o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP).

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebés que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas". "Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou. O estudo, divulgado hoje na revista *The Lancet*, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015. "Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou. Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebés eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação. Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais. "Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou. De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais. Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não entram para as estatísticas comparativas europeias. Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento". "A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP. Henrique Barros acredita que o artigo hoje divulgado pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS". "É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou. No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

Lusa

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b59b17d7>

28.09.2018 09h47

Os dados europeus sobre bebés nados-mortos representam apenas um terço da realidade, por não serem contabilizados antes das 28 semanas de gestação, segundo um estudo do qual faz parte o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP).

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebés que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas".

"Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou.

O estudo, divulgado hoje na revista The Lancet, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015.

"Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou.

Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebés eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação.

Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais.

"Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou.

De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais.

Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não entram para as estatísticas comparativas europeias.

Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento".

"A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP.

Henrique Barros acredita que o artigo hoje divulgado pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS".

"É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou.

No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

Lusa

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=72c84342>

2018-09-28T09:30:01Z

Os dados europeus sobre bebés nados-mortos representam apenas um terço da realidade, por não serem contabilizados antes das 28 semanas de gestação, segundo um estudo do qual faz parte o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP).

LusaPartilharTwitterImprimirPartilharComentar

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebés que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas".

"Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou.

O estudo, divulgado hoje na revista The Lancet, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015.

"Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou.

Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebés eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação.

Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais.

"Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou.

De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais.

Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não

entram para as estatísticas comparativas europeias.

Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento".

"A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP.

Henrique Barros acredita que o artigo hoje divulgado pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS".

"É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou.

No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

COMENTÁRIOS

Lusa

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Melo: Atlas da Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=fc31cc1b>

2018-09-28 10:04:24+01:00

Estudo

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade

Versão de impressão

Sexta, 28 Setembro, 2018 - 10:04

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebés que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas".

"Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou.

O estudo, divulgado hoje na revista The Lancet, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015.

"Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou.

Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebés eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação.

Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais.

"Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou.

De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais.

Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não entram para as estatísticas comparativas europeias.

Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento".

"A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP.

Henrique Barros acredita que o artigo hoje divulgado pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS".

"É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou.

No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

Noticias

LUSA

As informações e conselhos disponibilizados no Atlas da Saúde não substituem o parecer/opinião do seu Médico, Enfermeiro, Farmacêutico e/ou Nutricionista.

Shutterstock

Estudo revela que dados europeus sobre bebês nados-mortos só refletem um terço da realidade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a767b60b>

Os dados europeus sobre bebês nados-mortos representam apenas um terço da realidade, por não serem contabilizados antes das 28 semanas de gestação, segundo um estudo do qual faz parte o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP)

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebês que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas".

"Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou.

O estudo, divulgado hoje na revista The Lancet, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015.

"Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou.

Continuar a ler

Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebês eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação.

Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais.

"Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou.

De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais.

Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho

dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não entram para as estatísticas comparativas europeias.

Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento".

"A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP.

Henrique Barros acredita que o artigo hoje divulgado pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS".

"É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou.

No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

28 set 2018 10:41

MadreMedia / Lusa

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, adianta estudo

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3bd67b64>

2018-09-28 09:45:24+01:00

Os dados europeus sobre bebés nados-mortos representam apenas um terço da realidade, por não serem contabilizados antes das 28 semanas de gestação, segundo um estudo do qual faz parte o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP).

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebés que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas".

"Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou.

O estudo, divulgado esta sexta-feira na revista The Lancet, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015.

"Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou.

Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebés eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação.

Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais.

"Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou.

De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais.

Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não entram para as estatísticas comparativas europeias.

Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento".

"A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP.

Henrique Barros acredita que o artigo divulgado esta sexta-feira pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS".

"É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou.

No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

SAPO

Dados europeus sobre bebés nados-mortos só refletem um terço da realidade, diz novo estudo

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/09/2018

Meio: Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a22bbcf2>

Os dados europeus sobre bebés nados-mortos representam apenas um terço da realidade, por não serem contabilizados antes das 28 semanas de gestação, segundo um estudo do qual faz parte o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP)

Em declarações à Lusa, Henrique Barros, membro do grupo de trabalho 'Euro-Peristat' e responsável do ISPUP pela recolha de dados portugueses, explicou que "as estatísticas europeias só contabilizam os nados-mortos a partir das 28 semanas [limite gestacional da Organização Mundial de Saúde (OMS)]", no entanto, "há bebés que podem nascer em diferentes idades da vida intrauterina, como às 21, 25 ou até às 35 semanas".

"Hoje em dia, o feto se nascer com 26, 27 ou 28 semanas é prematuro, mas pode sobreviver. Se apenas contabilizarmos os nados-mortos a partir das 28 semanas, como faz a OMS, estamos a retirar à realidade dos acontecimentos um número razoável de gravidezes que não contam para as estatísticas", frisou.

O estudo, divulgado hoje na revista The Lancet, é resultado do trabalho de vários cientistas europeus da área da epidemiologia e pediatria, que analisaram, desde as 22 semanas de gestação, o número de nados-mortos em 19 países europeus, tendo em conta três períodos diferentes: 2004, 2010 e 2015.

"Este estudo permitiu-nos concluir que cerca de um terço das mortes não são contabilizadas pelas estatísticas comparativas europeias, assim como mostra que estamos a perder muita informação que nos permite avaliar a qualidade de resposta dos nossos sistemas de saúde", afirmou.

Segundo o estudo, em 2015, mais de nove mil bebés eram nados-mortos, em cerca de 2,5 milhões de nascimentos na Europa. Contudo, desses nove mil, 6.294 foram mortes que ocorreram entre as 22 e 28 semanas de gestação.

Além disso, há ainda diferenças de limites gestacionais entre os países europeus, como é o caso de Portugal, cujo limiar se fixa nas 24 semanas gestacionais. "Em Portugal, contamos os nascimentos e as mortes a partir das 24 semanas. Portanto, alguém que nasça às 23 semanas, se sobreviver conta como um sucesso, mas se morrer não conta como um insucesso", revelou.

De acordo com o estudo, em Portugal, entre as 22 e 24 semanas de gestação, há registo de 16 nados-mortos em 2004, 19 em 2010 e 36 em 2015. Contudo, estes são números que, segundo Henrique Barros, não são contabilizados para as estatísticas nacionais.

Já entre as 24 e 28 semanas gestacionais, em Portugal, os dados analisados pelo grupo de trabalho dão conta de 377 nados-mortos em 2004, 307 em 2010 e 254 em 2015, números que também não entram para as estatísticas comparativas europeias.

Para Henrique Barros, os resultados levantam ainda "algumas questões", tendo em conta que, em

Portugal, apenas são contabilizados os nados-mortos que tiveram um funeral, visto que "se tal não acontecer, a morte conta como um abortamento".

"A lei portuguesa e os apoios sociais não cobrem os enterros precoces, portanto, é um esforço económico da família que nem sempre tem meios para tal. E, quando não os têm, o bebé não conta como um nado-morto, mas sim como um aborto", salientou o professor do ISPUP. Henrique Barros acredita que o artigo hoje divulgado pode vir a ser "uma pedra fundamental para mudar o limiar do registo da OMS".

"É necessário que os sistemas, a análise e a recolha de informação não permaneçam estáticos e que acompanhem os avanços que os cuidados de saúde permitem fazer", acrescentou.

No estudo, designado "True burden of stillbirths in Europe vastly underestimated", para além do ISPUP participaram também o Inserm (Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale), o Department of Health Sciences, University of Leicester e o Department of Epidemiology and Biostatistics, National Research Institute of Mother and Child, da Varsóvia, na Polónia.

LUSA

2018-09-28 09:49:05+00:00